

A BIBLIOTECA EPIFÂNIO DÓRIA

Gilfrancisco*

RESUMO

Este ensaio faz parte de um dos capítulos da pesquisa concluída recentemente, “Sergipe nas Páginas do Diário Oficial”, sob a tutela da Segrase – Serviços Gráficos de Sergipe (Imprensa Oficial), que contempla o histórico da fundação da Biblioteca Pública de Sergipe, partindo de uma análise rápida e parcial da sua história de 162 anos (1848-2010). Apresentando também discursos de personalidades envolvidas na construção e inauguração da sede, em 1936, salientando a vida intelectual e a participação de Epifânio Dória na organização da Biblioteca. O ensaio apresenta ainda, cinco textos esparsos do bibliotecário e diretor Epifânio Dória, publicados na imprensa sergipana.

PALAVRAS-CHAVE: livros; acervo; memória cultural; bibliotecas.

* Jomalista e escritor

A tradicional classificação das bibliotecas em dois grandes ramos (públicas e particulares) vem perdendo a validade prática diante do surgimento de tipos outros como as empresariais, especializadas, as de instituições, ou mesmo de grandes colecionadores, as quais são, em maior ou menor grau, bibliotecas públicas na medida em que franqueiam suas coleções a estudantes e pesquisadores.

Será preferível, portanto, adotar critérios múltiplos de classificação. Desse modo, as bibliotecas serão ditas *públicas* apenas para indicar as que são realmente mantidas pelo poder público; e *particulares* apenas para indicar que pertencem a indivíduos, famílias, empresas, sindicatos, associações, etc.

A partir da invenção da tipografia, o número de livros disponíveis começou a aumentar, expandindo no mesmo ritmo o círculo de pessoas desejosas de consultá-los. O fim dessa evolução é hoje o predomínio total das bibliotecas públicas, realmente abertas ao uso de todos. As grandes bibliotecas individuais ou são características dos países sub-desenvolvidos, ainda carentes de acervos públicos de grande porte, ou representam coleções de bibliófilos.

É paradoxal, mas as bibliotecas são anteriores aos livros e até aos manuscritos. Tanto as de Antigüidade quanto às da Idade Média - na realidade, são um prolongamento das bibliotecas antigas, seja na sua composição, seja na organização, na natureza ou no funcionamento.

Portanto, a biblioteca foi assim, desde os seus primeiros dias até os fins da Idade Média, o que o seu nome indica etimologicamente, isto é, *depósito de livros*, estando mais para o lugar onde se esconde o livro do que o espaço ideal onde se procura fazê-lo circular ou perpetuá-lo.

A própria disposição arquitetônica dos prédios demonstra essa tendência - na Biblioteca de Ninive, o depósito de livros não tem saída para o exterior. A sua única porta parece dar, ao contrário, para o interior do edifício. Da mesma forma, as bibliotecas medievais se situam no interior dos conventos, lugares dificilmente acessíveis ao leitor comum. Por isso, as bibliotecas mais renomadas da Antigüidade pelo número de livros que continham no seu acervo, não podem, por consequência, ser comparadas às bibliotecas modernas.

Em 1848 o deputado Martinho de Freitas Garcez (1810-1861), apresentou à Assembléia da Província um projeto de lei criando uma biblioteca na cidade de São Cristovão. No dia 16 de junho do mesmo ano, o Presidente da Província, Dr. Zacarias de Góis Vasconcelos sancionou a lei número 233 criando a Biblioteca Pública Provincial. Somente no governo de Amâncio João Pereira de Andrade que lhe deu execução, a 2 de julho de 1851, quando a Biblioteca é acomodada num compartimento do Convento de São Francisco, em São Cristovão, com um pequeno acervo de 415 obras, doadas pelo presidente da província e pessoas importantes sergipanas. Foi nomeado para o cargo de bibliotecário o padre e político, José Gonçalves Barroso (1821-1882).

Com a transferência da capital para Aracaju, o pequeno acervo foi disponibilizado numa sala da Tesouraria Provincial, até 1890 que o governador e historiador Felisbello Firmo de Oliveira Freire (1858-1916), autor da *História de Sergipe 1575-1855* (1891); *História Constitucional do Brasil* (1894); *História Territorial do Brasil* (1906), *Nos Bastidores da Política* (1911); pelo decreto de número 374, de 27 de março, criou a Biblioteca Pública do Estado. Em 1908, Edilberto Campos, secretário do governo (1907-1908) tomou as primeiras medidas para conservação da Biblioteca, período em que é nomeado a 21 de outubro como bibliotecário, Epifânio Dória, que juntamente com o diretor deu início aos melhoramentos necessários: ordenando e anotando os maços de livros e jornais existentes no acervo.

Cinco anos depois (1913), no governo do general José Siqueira de Menezes (1852-1931), a biblioteca foi instalada num prédio da praça Olímpio Campos, no mesmo imóvel onde funcionava o antigo Atheneu Sergipense, permanecendo aí durante 23 anos. Em 5 de outubro de 1935, às 15 horas, realizou-se o assentamento da primeira pedra para a construção do edifício da Biblioteca Pública do Estado. Presentes o Governador, secretários de administração, o deputado Epiphânio da Fonseca Dória, diretor da Biblioteca, desembargador Edison de Oliveira Ribeiro, autoridades e grande número de pessoas representativas da comunidade. Em seguida falou o Governador do Estado, Eronides Ferreira de Carvalho.

Meus senhores:

Não havia sergipano, ou quem a esta terra tenha afeição, que se não condoesse com o malbarato do patrimônio da sua Biblioteca Pública.

Motivo de orgulho sempre foram o seu elegante edifício e as suas preciosas coleções.

A par de tudo isso, senhores, é preciso não esquecer uma direção zelosa, toda devotada ao enriquecimento e conservação da riqueza cultural que nela se encerrava.

Sustentávamos, com vaidade justificada, a superioridade da Biblioteca de Sergipe, sobre muitas das congêneres do país, ostentando-a como prova do valor e capacidade dos nossos conterrâneos.

Eis que, tudo derruiu de um momento para outro.

Houve mister remodelar com urgência o edifício que a comportavam, e pairou, então, sobre o rico patrimônio dos nossos livros, a ameaça do desaparecimento e da destruição.

Bem sabeis que sem dispormos de outro edifício em que se pudesse alojá-la, quase que, praticamente, teria desaparecido a biblioteca.

O acervo foi distribuído por diversas partes, e improvisou-se no Palácio do Governo, um salão de leitura, onde ficaram, também, as obras de mais alto valor.

Somente por aí vive, ainda hoje, a Biblioteca Pública.

Era meu dever, portanto, como responsável pela coisa pública, zelar e defender a riqueza cultural do sergipano.

Encontrei o Estado vinculado, por força de um contrato, com a firma Emílio Odebrecht e Cia., para construção do Palácio das letras, onde ficaria, também, a Biblioteca Pública.

Muito bom seria que pudéssemos realizá-lo. Entretanto era ele muito superior às possibilidades financeiras de Sergipe.

Entrei em entendimentos com os contratantes e, finalmente conseguimos um aditivo ao referido contrato, de modo que

hoje, vendo bater a primeira pedra do edifício da Biblioteca Pública.

Ficará Sergipe com mais um edifício público digno da sua capital civilizada e se salvará o renome da Biblioteca que tanto nos orgulhava.

Bem vêm os sergipanos que o seu Governador não descursa dos interesses da sua terra.

Aqui vai surgir a Biblioteca Pública; no Poxin, já se constrói a ponte que ligará esta capital à futura praia de banhos, desenvolvendo desta maneira, a Barreta e os povoados próximos; nesta capital mesmo o Hospital da Criança está em vias de ser coberto e, brevemente, assistireis idêntica cerimônia a esta, num dos bairros proletários de Aracaju, quando se tiver de iniciar a construção do Jardim da Infância Operária.

Se atentardes que Sergipe ainda não descansou de prêmios eleitorais, haveis de concluir que o Governo não se descuidou um instante sequer dos interesses do Estado.

As questiúnculas da política mal orientada, não lhe trazem a mais mínima preocupação.

O Governador cumprirá serenamente o mandato que o povo sergipano lhe conferiu, tendo como objetivo, doar a nossa querida terra dos melhoramentos indispensáveis, zelar o seu patrimônio, e, sobretudo, garantir a paz e a tranquilidade da família sergipana.

(Diário Oficial do Estado de Sergipe, 6 de outubro, 1935)

Finalmente em 1936, ela passou a funcionar num edifício construído especialmente para esse fim, na Praça Fausto Cardoso, onde atualmente funciona o Arquivo Público Estadual.

BIBLIOTECA EPIFÂNIO DÓRIA

Inaugurado em 29 de outubro de 1974, registrada sob o número 1619 no Cadastro Geral de Bibliotecas, do Ministério da Educação e Cultura, a Biblioteca Pública do Estado passou a denominar-se, Biblioteca Epifânio Dória, justa homenagem ao sacrifício, zelo e incansável dedicação emprestados pelo saudoso intelectual Epifânio Dória, à vida da própria instituição. O monumental prédio onde hoje funciona a Biblioteca, erguido no bairro 13 de Julho, prolongamento da Rua Vila Cristina, foi construído no governo de Paulo Barreto de Menezes.

A Biblioteca Pública Epifânio Dória, unidade da Secretaria de Estado da Cultura, em seus dois pisos, abriga vários setores: Documentação Sergipana, Circulante, Hemeroteca, Referência, Acervo Geral, Cultura Popular e Obras Raras, registrando uma frequência mensal, em média, de 2.500 pessoas e um acervo em torno de 36 mil títulos.

Dirigida por Sonia Carvalho, a Biblioteca Epifânio Dória tem desenvolvido vários projetos e participado de programas criados pela Fundação Biblioteca Nacional, visando o melhor atendimento ao usuário da capital e, também, do interior do Estado.

Vejamos alguns desses projetos: Projeto de Formação Continuada de Mediadores de Leitura, Curso de aperfeiçoamento de profissionais que atuam nas bibliotecas públicas municipais e Roda de Leitura. A realização destes projetos é marcada pelo Convênio firmado entre a Fundação Biblioteca Nacional com a Secretaria de Estado da Cultura, por meio do Comitê Sergipano do Proler e do Sistema Estadual de Biblioteca Pública. Além do Projeto Livro Vivo-Leitura para cidadania, parceria da Editora Paulus com a Secretaria de Estado da Cultura, através da Biblioteca Pública Epifânio Dória. Por outro lado, deve-se destacar que é atribuição da Biblioteca Pública Epifânio Dória a coordenação do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, vinculada ao Sistema Nacional e do Comitê Sergipano do Proler, vinculado ao Programa Nacional de Bibliotecas Públicas.

Quando a Biblioteca Pública do Estado foi inaugurada em 14 de novembro de 1936, o diretor interino, Alfredo de Araújo Pinto, proferiu o seguinte discurso:

Exmo. sr. dr. Governador do Estado

Exmo. e revmo. sr. Bispo Diocesano

Exmo. sr. Prefeito da capital

Minhas senhoras, meus senhores:

No mundo biológico a necessidade faz o órgão; no social é o órgão que, muitas vezes, faz a necessidade. Eu estou no segundo caso, eis que sou o diretor interino da Biblioteca, sobre a qual tenho de dizer algo, neste instante de transbordante contentamento, em que se inaugura este majestoso templo.

Não me dado, pela justa razão de não me caber ser enfadonho, vos falar detalhadamente sobre o papel de instituições como esta na formação espiritual de todos os povos e de todas as épocas. Direi, apenas, que a instituição das bibliotecas (do grego: biblio - livro: teko - estante) é tão antiga como o livro. Este nasceu da necessidade que sentiu o homem de perpetuar o seu pensamento, e, por isso, elaborados os livros, sobreveio o natural desejo de os conservar, de os colecionar.

As pesquisas arqueológicas efetuadas, desde o alvorecer do século XIX na bacia do Mediterrâneo, na Mesopotâmia e na Pérsia, revelaram a existência de verdadeiras bibliotecas do tempo dos antigos faraós e dos monarcas caldeus, assírios e persas. Verdade é que estas bibliotecas viviam inacessíveis ao público. Eram apenas de uso privado dos reis e das classes sacerdotais, verdadeiros arquivos onde aqueles colecionavam os anais dos seus atos administrativos e das suas proezas militares, e, estas, os seus livros sagrados.

Citam-se entre as primeiras - a do santuário de Phta, em Memphis, criada por vontade do faraó Osymandias, no dealbar

do penúltimo milênio anterior à nossa era; a de Souza, entre os persas; - a do templo de Jerusalém, que foi reconstruída depois do cativeiro da Babilônia por Nehemias e Esdras; as das ricas e florescentes cidades de Fenícia e de Cartago. Em muitos lugares da Caldéia ou da Assíria, nas ruínas de Nínive, encontraram-se ricas coleções de ladrilhos de barros cosido, que traziam gravadas em caracteres cuneiformes a história dos seus reis. Introduzidos na Grécia pelo fenício Cadmo os primeiros caracteres alfabéticos escritos em papiros, já no século XVI anterior a vinda de Cristo, foi este acontecimento o primeiro passo para a evolução intelectual daquele povo privilegiado. Foi entre eles - os gregos - que se implantou o regime de bibliotecas acessivas ao povo, conquanto não fossem propriamente público. A mais antiga que a história registra entre os helenos, foi a erguida em Atenas, ao calor do entusiasmo de Pisistrato. Chegada à época chamada helenista, resultante das guerras medo-persicas, as bibliotecas tomaram ainda maior incremento, ficando célebres duas dentre as muitas: a de Pergamo, fundada por Eumene II e Attalo II, com os seus 200.000 volumes, e a de Alexandria, fundada por Ptolomeu Sotero, a qual possuía, além dos seus 700.000 volumes, a tradução do original grego dos livros hebraicos do Velho Testamento, além de belíssima coleção de lâminas de chumbo. Dividida esta, pelo seu vultoso acervo, em duas partes, uma ficou no próprio bairro de Alexandria e a outra no de Serapeion. Desgraçadamente a primeira parte foi sacrificada pelos incêndios ateados pelos soldados romanos, quando Julio César se apoderou da cidade; a segunda, porém, aumentada com a de Pérgamo, Marco Antonio fez presente à Cleópatra. A mão da fatalidade, entretanto, pesava sobre estes inestimáveis tesouros da civilização antiga. No dealbar da nossa era, em 390, esta última parte pagou o tributo aos conflitos verificados entre pagãos e cristãos, pois que pouco se salvou dos incêndios, e esse pouco desapareceu de todo quando, em 641, os árabes se apoderaram de Alexandria.

Dest'arte ficou a nossa civilização privada deste formidável contingente de conhecimentos armazenados nas duas mais importantes bibliotecas da antiguidade. Todavia, algumas lâminas de chumbo puderam escapar à voragem dos iconoclastas, e isso por terem sido escondidas em subterrâneos dos mosteiros locais, só conhecidos das mãos piedosas que as guardaram. Depois que a Grécia caiu em poder de Roma, os gregos começaram a exercer no espírito dos seus vencedores uma sensível influência intelectual e artística. Paulo Emílio, depois de concluída definitivamente a conquista da gloriosa terra de Sócrates, de Platão e de Aristóteles, trouxe para Roma a biblioteca dos reis da Macedônia, sendo que a esse tempo o gosto pela literatura atingiu a tal grau entre os romanos que muito deles se tornaram verdadeiros bibliomanos.

No entanto, até o advento de Octaviano Augusto ao poder, não houve em Roma bibliotecas verdadeiramente públicas com as que existiam na Grécia, Júlio César foi que encarregou Varão de organizar uma para uso do povo. Pouco a pouco foram se fundando novas, chegando a Cidade Eterna possuir 28 desses centros de cultura.

Com a queda do império romano, decorrente da invasão dos bárbaros, nova fase de depredação se abriu para as bibliotecas, salvando-se apenas uma parte que foi escondida em Bizâncio, a Constantinopla de hoje.

Assim, enclausuradas e, por vezes, exiladas, viveram elas durante o longo crepúsculo da Idade Média.

Depositária, porém, dos tesouros do saber humano, acumulados através das gerações passadas, a Igreja criava, por sua vez, uma escola de literatura religiosa, da qual Santo Thomaz de Aquino tornou-se o seu maior expoente, ao tempo em que, sob as suas visitas e influências, nascia uma nova corrente filosófica - a Escolastica - inspirada nas teorias de Aristóteles.

Já ao findar o VII século, o arcebispo Theodoro, grego por nascimento mas educado em Roma, levava para as Ilhas Bri-

tânicas as luzes de uma vasta cultura clássica, que foi naquela terra, até então inculta, um manancial de ciências e artes.

Não quero deixar em silêncio outro fator que muito contribuiu para a preservação da cultura antiga - os árabes. A florescência deste povo foi tão brilhante e ao mesmo tempo de tão curta duração que só pareceis tê-lo a Providência destinado a sustentar, por um pouco de tempo embora, nas suas mãos, o facho de civilização ocidental, enquanto que a Europa se preparava para por sua vez, empunhá-lo. Certo é que, sem embarco de Constantinopla e a Igreja, terem sob sua guarda a literatura e a filosofia clássica, os árabes sustinham e desenvolviam a indústria, as ciências físicas e naturais e as matemáticas.

Talvez vos pareça, senhores, que me propondo a falar sobre bibliotecas queria me distanciar, divagando sobre história, mas é necessário não esquecer que não se pode discorrer sobre esses assuntos sem lhes associar o livro, que, por seu turno, se relaciona com as bibliotecas.

Chegamos, afinal, ao surgir da Renascença!

Com a divulgação das obras clássicas, com a invenção da imprensa e com o defluir da literatura moderna, a produção literária e científica aumentou extraordinariamente, e, com ela, também, a necessidade do povo se instruir, determinando daí até a época contemporânea o desenvolvimento sempre crescente das bibliotecas, que hoje se contam aos milhares em todo o orbe, dando enganchas a que Thomaz Lincolin Cayse, ao inaugurar a do Congresso Americano, por sinal à maior do mundo, pronunciasse estas palavras: “agora sei que os americanos têm a sua maior e mais vasta escola”.

Mas particularíssimos o assunto e falemos sobre a nossa biblioteca.

Criada a 2 de julho de 1851 pelo dr. João Amâncio Pereira de Andrade, e acomodada em um dos compartimentos do convento de São Francisco, em São Cristovão, então capital do Estado, elevou o seu acervo a 415 volumes. Mudada a capital

para Aracaju, esse pequeno acervo veio parar numa sala da então Tesouraria Providencial, até que o presidente Felisbello Freire, em 1890, resolveu restaurá-la.

Os maus fados, porém, como sempre acontece a todas as bibliotecas, conspiraram contra o seu futuro, pois que, de independente que era em 90, passou a dependente em 91, tendo uma vida apagada até 1908, quando o espírito cívico de Edilberto Campos, secretário do Governo, daquela época, começou a lhe dispensar proveitoso amparo.

Data daí, praticamente, a existência desta nossa querida instituição.

Sendo nomeado bibliotecário seu atual diretor efetivo, o exmo. sr. Epiphânio da Fonseca Dória, cuidou ele, desde logo, de orientar o amontoado de maços de livros e jornais que existiam e que não passavam de oitocentos.

O que foi desse tempo para cá o trabalho desse notável organizador e muito ilustre sergipano no elevar a repartição a seu cargo a uma altura condigna, é tarefa que entrego no espírito de justiça de quantos vivem nesta terra. Batalhando sem tréguas nem esmorecimentos, estimulou a admiração e o entusiasmo do Marechal Siqueira de Menezes, que governava, em 1914, Sergipe, tendo conseguido não só a emancipação da Biblioteca como, ainda, uma moderna instalação em espaçoso prédio.

Para não me alongar muito na apreciação do assunto, passa a ler um resumo.

“Esta Biblioteca recebe, no momento, 201 revistas e 171 jornais. Possuía, em dezembro de 1935, 38.752 obras, por 25.483 pessoas que consultaram 46.844 obras.

Os presentes ajuízem do que ela foi e do que ela é.

Meus senhores:

Falar de Biblioteca de Sergipe, sob a incomum direção de Epiphânio Dória, é lembrar, para logo, a grandeza d’alma de um ilustre filho das margens do Adriático: - Vicente Calamelli.

Nascido sob as auras sadias de Veneza e vivido por entre as extasiantes conquistas artísticas e faustosas glórias dos seus antepassados trocou, enamorado e ainda cedo, o romântico dos passeios nos canais bordados a mármore de sua terra pelas aurifulgentes areias da praia de Copacabana, e o pitoresco panorama que se desenrola do Monte Catini pelo maravilhoso esplendor que se domina do Corcovado.

Diretor de uma das mais autorizadas revistas no assunto - a "Brasil-Ferro-Carril", recebera, em 1908, um pedido de assinatura generosa que lhe fizera o diretor da Biblioteca Pública de Sergipe. Atendendo ao apelo feito e ciente de que à frente desta Biblioteca se achava um organizador de primeira água, não se limitou, daí em diante, a ajudar a enriquecer o nosso repositório apenas com a sua revista, mas com todas as outras publicações que recebia em serviço de permuta. Dois anos, após, começou a fazer dádivas de obras impressas, chegando a oferecer até a presente data, cerca de 12 mil obras.

Amigo intransigente de Sergipe, ninguém lhe corre parrelhas quando se acha em jogo e interesse de sua biblioteca; e, meus senhores, si bem que vos pareça extraordinário, eu vos afirmo que entre os bons sergipanos que amam a sua Biblioteca, na capital da República, Vicente Calamelli tem sido o maior dos sergipanos.

Senhor dr. Governador do Estado:

Há cataclismos políticos; há choques nas esferas jurídicas; há reações de natureza científica; há redemoinhos sociais; há neurastenias do infinito; há convulsões geológicas; há modificações, reformas, concertos, concílios, congressos. E tudo passa afastadas que sejam as causas determinantes. Só as bibliotecas ficam. Só elas enfrentam a ação devastadora dos tempos e a fúria vandálica dos inconscientes, guardando, com exagerados cuidados de usurário, o resultado daquelas modificações, daquelas reformas, daqueles concertos, daqueles concílios, daqueles congressos.

Vivendo paradoxalmente da mudança de gerações, nutre-se do tempo através dessas mesmas gerações.

Os helenos apunham no pórtico de suas bibliotecas esta sabia inscrição: “Remédio da alma”. Por uma dupla e feliz coincidência, exmo. sr. Eronides Ferreira de Carvalho, v. excia, que durante todo o seu passado de aureolado clínico e de cirurgia perfeito vem prodigamente estereotipando os preceitos emanados de Jesus, sofrendo pela dor alheia, tendo sempre estendida a benfazeja mão aos descurados da sorte, alevantando da penosa estrada da amargura os combalidos corpos que se tornaram indóceis à vontade; v. excia, repito, que tem tido a ventura de contar pelos lares dos sergipanos as parcelas da grande soma dos remédios ministrados aos seus corpos, acaba de lhes dar, também nesta hora, o específico para alma, alevantando, desta vez, não só a eles como a Sergipe, que se vai curar da grande chaga aberta pela fatalidade em um dos seus mais necessários órgãos, que é a sua casa dos livros; dupla e feliz coincidência, torno a dizer, porque o específico de agora vai ser manipulado por um técnico da altura da inteligência e do escrúpulo de Epifânio Dória.

Eu agradeço a v. excia. em nome dos sergipanos.

(Diário Oficial do Estado de Sergipe, 18 de novembro de 1936)

Após o discurso de Alfredo de Araújo Pinto, falou o jornalista carioca, Vicente Calamelli, convidado especialmente pelo governo do Estado, por ocasião da inauguração da Biblioteca Pública do Estado:

Exmo. sr. Governador do Estado,
Exmo. e revmo. sr. Bispo de Aracaju,
Exmo. sr. secretário geral,
minhas senhoras,
Meus senhores:

No contato físico com a terra, no envolvente concílio com a sua gente generosa, apenas se exalta e põe uma luz nova e uma doçura maior no coração o meu longo amor por Sergipe. São, desde o instante feliz do desembarque, de ternura e de deslumbramento as impressões que me dominam. Tão grandes e tão fortes que a palavra humana, embora melhor empregada do que sou capaz de o fazer, não conseguiria exprimi-las. Sergipe é, territorialmente, o menor dos Estados brasileiros. E, entretanto, as impressões da sua grandeza me esmagam!

Grandeza de civilização material, que se ostenta no adiantamento da sua bela capital, no ambiente de trabalho fecundo e produtivo que aqui se encontra e na própria solidez e perfeição do edifício que agora nos abriga e é esta Biblioteca, esta maravilhosa Cidade dos Livros! É exatamente porque nos encontramos nesta Cidade dos Livros, possuidora de admirável tradição e de onde se desprende uma luz que, com a da inteligência sergipana, lança clarões magníficos em todas as direções, é que podemos proclamar que a grandeza de Sergipe, para glória maior da Pátria brasileira, sobretudo na ordem espiritual esplende e se afirma!

O valor da inteligência sergipana culmina em fatos como o do nome e a obra dos seus filhos notáveis constituírem matéria para preciosos volumes entre outros “História de Sergipe” e “História Constitucional da República”, de Felisbelo Freire; “Concepção nomística do Universo”, de Fausto Cardoso, ou o do “Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano”, do meu saudosa amigo, desembargador Armindo Guaraná. E se eu quisesse citar figuras a que as mais altas virtude da cultura dão uma irradiação solo bastaria lembrar esta trilogia de sergipanos: Tobias Barreto, Silvio Romero e João Ribeiro.

Que pude fazer no meu amor a Sergipe? Bem pouco decerto, e isto serve para salientar que, ainda na ordem espiritual, a civilização desta terra abençoada se exprime pela bondade de seus filhos.

Na manifestação que aqui me é feita, nas eloqüentes e comovedoras palavras que ouvi dos oradores que me precederam o que avulta e fulgura não é o meu escasso mérito, mas a bondade incomparável dos sergipanos.

Repito que, por mais que procurasse, não encontraria palavras suficientes para descrever os meus sentimentos de admiração e gratidão.

O glorioso apogeu a que chega esta Biblioteca e se patenteia em todas as suas instalações principalmente se deve ao admirável esforço do meu querido amigo de longos anos, Epiphânio Dória, merecidamente prestigiado por este espírito de administrador, de qualidades admiráveis, que é o dr. Eronides de Carvalho.

Cumprindo o grato dever de citar estes dois nomes posso apenas vos dizer, por mim e pelos meus: - Muito obrigado!

(Diário Oficial do Estado de Sergipe, 18 de novembro de 1936)

*

PATRONO

No dia 7 de abril de 1884, na Fazenda Barro Caído, no atual município de Poço Verde, nascia Epiphânio da Fonseca Dória e Menezes, filho do capitão da Guarda Nacional, José Narciso Chaves de Menezes e Josefa da Fonseca Dória e Menezes, primos entre si. Seus estudos das primeiras letras foram realizados com a família, na própria residência, em curtos e alternados períodos, tendo como professor particular Irineu Vidal de Souza, além de ter sido aluno da professora pública Raquel César de Lemos Amado.

A grande seca de 1888 devastou completamente a fazenda de seu pai, matando todo o rebanho bovino e deixando a família em situação das mais difíceis. Por este motivo, Epiphânio Dória começa a trabalhar no comércio local, aos 14 anos de idade. Em 1889, ele resolve transferir-se para a Vila, hoje município de Boquim, empregando-

se na casa comercial de Leônidas de Carvalho Fontes. Aliando os estudos ao trabalho, aí permanece até 1905, quando começa a se projetar na vida pública. A partir de 1904, torna-se secretário da Intendência, chegando a terceiro suplente do juiz do termo e também presidente do alistamento eleitoral pela lei Rosa e Silva.

Na capital, Epiphânio Dória reorganizou o Arquivo da Secretaria de Governo, ocupou a função de bibliotecário da Biblioteca Pública do Estado, representou o Estado, como titular da pasta, da Conferência dos Secretários da Fazenda, no Rio de Janeiro, em 1938, fez parte da turma de representantes que foi oficialmente a Belo Horizonte testemunhar os serviços fazendários realizados na administração do governador Benedito Valadares; pertenceu à Loja Maçônica Capitular Cotinguiba, da qual foi venerável. Foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, fundou o Rotary Clube de Aracaju, a Sociedade Beneficente dos Funcionários Públicos e o Clube Literário Progressista de Boquim, colaborou durante toda a sua vida em vários jornais e revistas, dirigiu por mais de 35 anos a revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Epiphânio Dória faleceu em Aracaju, no dia 8 de junho de 1976, aos 92 anos de idade, em sua residência na Rua Santa Luzia, cercado de filhos e netos.

TEXTOS ESPARSOS DE EPIFÂNIO DÓRIA

Discurso pronunciado por Epifânio Dória, secretário geral do estado, na solenidade da inauguração do novo edifício da Biblioteca Pública, no dia 14 de novembro de 1936:

Exmo. sr. dr. Governador do estado
Exmo. e revmo. sr. Bispo Diocesano,
Minhas senhoras,
Meus senhores:

Duas circunstâncias cuja prioridade não é possível distinguir quebram-me o selo dos lábios e me levam a abusar da vossa nobre complacência em me ouvir, nesta solenidade: uma a minha qualidade de velho servidor da Biblioteca, que hoje recebe este suntuoso templo, erguido ao culto de suas relíquias, - outra a presença aqui de Vicente Calamelli, cuja nobre amizade venho cultivando com desvanecimento há mais de um quartel de século, e a cujo espírito finíssimo de cooperação abnegada, de idealismo sem máculas, de tenacidade benfeitora, deve a Biblioteca serviços inestimáveis.

Calamelli perdoe-me ele o vexame que lhe causei ferindo-lhe a modéstia, é um modelo de virtudes cívicas, um exemplo raro de bondade humana agitando-se dentro de uma época de utilitarismo enervante de ambições desorientadas, de egoísmo desconcertante.

O seu espírito delicado, imune as doenças morais que vão combatendo os caracteres nesta hora trepidante de materialismo desanimador, voeja bem alto, como uma garça branca, olhando sempre para cima, divisando nos horizontes longínquos estrelas que lhe fascinam, irradiações que lhe deslumbram.

Deve-lhe a Biblioteca, por donativos ininterruptos, através de 27 anos seguidos, a posse de cerca de doze mil volumes, ou seja, quatro vezes, quase, o total dos livros que possuía em 1908, quando passei a servi-la.

Não foram, pois, pruridos de oratória nem validades que não sei acariciar, que forçaram a falar nesta hora passageira, mas de grande significação para a vida mental de Sergipe.

Nossa Biblioteca já vai beirando o seu primeiro século de existência.

Abrolhada em 1851, na antiga Capital, teve de então para cá as suas crises de crescimento, os seus colapsos graves, os seus perigos de vida, e um deles foi o que se veio a encerrar agora, sob a terapêutica providencial e salutar deste espírito arrojado

e ao mesmo tempo atilado que é o exmo. sr. dr. Eronides de Carvalho, cidadão à altura de sua época com pulso e habilidade suficientes para se não apoucar ante entraves de ordem material e para vencer as resistências avassaladoras que se lhe atulhem neste setor da vida nacional buscando quebrar o ritmo de civilização de que desfrutamos.

Dotado de alma aberta aos gestos mais delicados que se possam imaginar, animado sempre por sentimentos que traduzem um requinte de perfeição moral, s. excia. é, no entanto, um homem enérgico com os que mais o forem, sem conhecer, porém, os matizes do ódio nem o sabor das vinganças, a que é impermeável o seu nobre coração.

Profundamente preocupado com os problemas que interessam à grandeza do Estado, o seu dinamismo construtivo se nota por toda a parte, na construção de edifícios, de pontes e de estradas; na abertura de escolas; na criação de serviços novos, de interesse - para a economia geral; na moralização dos costumes políticos; no saneamento dos meios acessíveis aos surtos epidêmicos; no amparo aos enjeitados da sorte, e o que é mais: erguendo templos, como este, ao culto da ciência.

Meus senhores, o dia de hoje há de constituir um marco luminoso na história do estado, pelo fato histórico que nele estamos celebrando.

Este edifício, com suas instalações moderníssimas, com a sua justificada suntuosidade, será sempre um motivo de justo orgulho para Sergipe que sendo o menor Estado do Brasil, no ponto de vista geográfico, é ao mesmo tempo dos maiores no culto das ciências e das letras.

Quem quer que percorra as capitais brasileiras há de notar que poucos Estados possuem bibliotecas nas condições da nossa: apenas três - S. Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia.

Fora desta tríade brilhante, a que se junta Sergipe, com destaque, não se conta outro Estado com biblioteca tão bem instalada.

Nos demais Estados as bibliotecas são vistas com certa displicência.

É que no Brasil se não compreendeu ainda o papel marcante das bibliotecas na obra da civilização. Sem estas arcas santas da ciência, piras sagradas do saber, sacrários a que se recolhem com verdadeira unção as hóstias da eucaristia das letras, não teríamos atingido o grau de civilização de que nos orgulhamos. Sem elas não se teria verificado a renascença, porque se teriam perdido irremediavelmente os tesouros da sabedoria antiga.

Exmo. sr. dr. Eronides de Carvalho, fora de qualquer suspeição que se me possa atribuir, posso afirmar que bastaria a construção deste tempo erguido ao culto da ciência para perpetuar na história o seu nome já aureolado por feitos de tão alta projeção. Que Deus vos inspire sempre para cometimentos tão altos e glória da terra sergipana.

(Diário Oficial do Estado de Sergipe, 19 de novembro, 1936)

Durante as pesquisas do livro “Ciclo do carro de bois no Brasil”, do sergipano Bernardino José de Sousa (1885-1949), publicado em 1958, solicitou a vários intelectuais informações sobre a origem do carro de bois, dentre eles, Epifânio Dória.

*

CARRO DE BOI

Sergipe não deu ainda toda a sua contribuição, que é vasta, para o estudo que o grande pesquisador dos filões auríferos de nossa história, o ministro Bernardino de Souza, está empreendendo sobre o humilde carro de boi, que tantos benefícios vêm prestando a grandeza econômica do Brasil.

O transporte é um dos instrumentos do progresso, na órbita econômica.

Sem ele estiolam-se as indústrias, morre o comércio e a riqueza se torna infecunda. A produção em larga escala sem o transporte correspondente é grave isso nas esferas e meios mais rápidos de transporte foi o carro de boi que nos remediou. Quando se concluir esse original inquérito é que poderemos ver quanto devemos ao antigo veículo que marchava cantando, glorioso de sua missão, cheio de orgulho pela carga que conduzia, quando levava à cidade as matronas respeitáveis e as meninas faceiras.

Quando menestrel entusiasta não sentiria inveja da sorte do carro humilde, conduzindo à cidade as musas inspiradoras de seus estros!

Deixemos as divagações.

Vamos tratar do carro de boi.

Hoje nos ocuparemos das notas que nos vieram de 4 municípios! Campos, Jaboatão, Boquim e Riachão.

Em Campos, a terra de Tobias e Muniz de Sousa, entregue à atividade moça e honesta de José Joviniano Santos, de quem esperam os conterrâneos daqueles notáveis sergipanos um governo patrióticos, inspirado nos benefícios da paz e nos frutos, sadios a progresso, existem, calculadamente entre 40 carros de boi. Ali, como em geral, cada junta se compõe de 6 bois, salvo raras exceções que não contrariam a regra geral. Os nomes mais usuais na denominação dos bois são: Lindo moço, Moço lindo, Cravo roxo,, Cravo branco, Prateado, Cadeado, Namorado, Desejada, Cobiçado, Aparecido, Bem amado, Moderado, Cabuquinha, Jasmim, Cravinho, Peça linda, Linda peça, Amor dengoso e Bem montado.

Colheu o operoso Prefeito José Joviniano uns expressivos populares versos na terra do nosso maior poeta. Infelizmente eles não têm nenhuma ligação com o carro de boi, circunstância que nos força a omiti-los neste comentário.

Em Jaboatão, a terra do tesouro misterioso, da qual lá nos ocupamos em crônica anterior, sendo ocioso repisar, o assunto existe 74 carros de boi, número que não foi possível consignar quando nos ocupamos desse próspero município. Ali também as juntas se com-

põem de 6 bois. Os nomes mais usados para os bois são: Novo brinco, Novo estado, Reformado, Criança, Fortaleza, Cinto preto, Terno branco, Ouro preto, Anel de brinco, Ramallete, Cobiçado, Novo Mundo, Boa Fé, Deputado, Marechal, Presidente, Rio Grande.

No Boquim, próspero município onde passamos a melhor quadra da nossa vida, a terra feiticeira da Fonte da Mata, o berço querido de Hermes Fontes, o maior poeta sergipano de sua época, próspero, município em boa hora confiado ao zelo administrativo do Prefeito Pedro Simão Freire, de quem, muito esperam os conterrâneos de Hermes Fontes, existem, aproximadamente, 80 carros de boi. As juntas são compostas de 6 bois.

Os nomes mais usados, no batismo dos pacientes puxadores de carro são: Cravo lindo, Marechal, Delicado, Amor lindo, Caboclinho, Rapazinho, Menina, Amor dos outros, Rouxinol, Só do mimo, Ouro só, Mimoso, Sol de ouro, Moça lindo, Mimosinho, Meus Anéis, Cravo branco, Resedá, Flor do Rasto, Tem que dá, Desejado, Sempre tive, Boa morte, Faz namoro, Namorado e Desempenho.

Entrelaçando estes nomes os carreiros de Boquim fazem interessantes versos que cantam entoando com o canto rústico, mas evocativo do próprio carro.

Damos aqui, algumas amostras:

Rapaz solteiro
tem que dá
Fita bonita
Pra namorá
Faz desejo desejado
Faz cobiça cobiçado
Faz namoro namorado
Sempre tive boa sorte
Comprei carro não se importe
Deus me deu o Flô do Norte

No Riacho a terra do grande político do sul do Estado, o comendador Dantas, onde tiveram berço ditoso os drs. J. Dantas

Martins dos Reis, íntegro juiz da Capital e dr. Lauro Hora, ilustre Diretor do Centro de Saúde, também da Capital, seu município que se acha entregue ao espírito esclarecido à mocidade entusiasta de Horácio Dantas de Góis, existem 90 carros de boi.

Deixemos a descrição do carro, magistralmente feita pelo digno Prefeito de vez que ela não traz características novas, é semelhantes às que temos publicada, porque o carro é quase o mesmo em todo o Estado.

Os nomes dados aos bois, no Riachão em geral, são: Só me ama, Bem amado, Cobiçado, Delicado, Meus cuidados, Meus carinhos, Lindozinho, Bonitinho, Cravinho, Sempre é.

Pode o ilustre Prefeito surpreender na boca dos carreiros do Riachão uma quadrinha, que ele cantam em única típica, repetindo monotamente por toda ...

(Correio de Sergipe, 20 de julho, 1942)

O CARRO DE BOI

Voltemos a ferir o assunto de que nos ocupamos em crônicas que esta conceituada folha, publicou. Ocupar-nos-emos hoje das respostas que nos vieram dos municípios do Arauá, Riachuelo e Canhoba, dos quais são zelosos prefeitos, respectivamente, os dignos conterrâneos, Abelardo Nabuco Freire, Tasso Garcez Sobral e João Alves de Rezende.

No Arauá existem 91 carros, em Riachuelo cerca de 186 e em Canhoba, o mais novo dos nossos municípios, apenas 13. Canhoba e zona San-franciscana têm ao pé de si o grande rio, justamente chamado de Nilo brasileiro, e conta com estrada de rodagem.

Há, pois, nos três municípios 200 carros. Em todos a regra geral é o emprego de 6 bois em cada veículo. Em nenhuma das referidas comunas foi possível colher-se qualquer manifestação da alma popular pelo folclore.

É que para se faz mister a descoberta de um mineiro especializado. A riqueza existe. A questão é de se saber descobri-la, é de encontrar-se faiscador que saiba perquiris e joeirar. Em Riachuelo os nomes mais usados para o batismo dos bois são: Flor de Lis, Mal me que, Pisa no Ponto, Beija-Flor, Flor da Roda, Boa Letra, Malvadinho, Canjerê, Sem rival e Pisa Macio.

O digno prefeito de Canhoba conseguiu organizar, em colaboração com os proprietários de carros, uma cachimoniosa relação de nomes que não pode ser publicada nesta crônica pela etiguidade do espaço que nos pode conceder o Correio.

Será, entretanto, encaminhado ao Ministro Bernardino de Souza, que saberá apreciá-la devidamente.

Um evento auspicioso nos foi dado registrar hoje: de Campos, a terra de Antônio Muniz de Souza e Tobias Barreto nos foi mandado um carro de boi, em miniatura, confeccionado em papelão, trazendo todas às suas peças com as respeitáveis nomes. Foi confeccionado por um primo carnal do grande Tobias, o prestimoso e digno conterrâneo Francisco Sales de Menezes. O interessante carro vai seguir de avião, a fim de figurar no museu do Ministro Bernardino. O exemplo de Campos vai ser seguido por Boquim à boa terra onde passamos a fase mais feliz de nossa mocidade. O prefeito Pedro Simões Freire vai fornecer um carro, em miniatura, executado em madeira.

Estamos aguardando ainda resposta de outros municípios que nos não atenderam ainda, quanto aos informes referentes ao carro de boi.

Confiamos em que todos acudam ao nosso apelo.

(Correio de Aracaju, 18 de setembro, 1942)

EFEMÉRIDES SERGIPANAS

Julho - 9

1844. Nasce na então vila Constitucional da Estância o exímio educador Brício Maurício de Azevedo Cardoso, ou simplesmente Brício Cardoso, como por último ele assinava.

Governava então a Província o desembargador Manuel Vieira Tosta, natural de Cachoeira, Bahia, e mais tarde Marquês de Muritiba. Nasce Brício Cardoso do feliz consórcio de outro exímio educador, o baiano Joaquim Maurício Cardoso, com D. Joana Batista de Azevedo Cardoso. Não vamos dar aqui a biografia desse varão ilustre que tanto soube honrar as tradições de inteligência dos sergipanos e o nosso proclamado espírito de operosidade esclarecida. Os que desejarem detalhe da vida do grande mestre de várias gerações poderão encontrá-la no excelente Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano do desembargador Armindo Guaraná, outro notável sergipano nascido quatro anos depois de Brício.

O que desejamos é trazê-lo, com toda a sua desmedida projeção ao meio social e cultural de Sergipe, para este tesouro de valores espirituais, e morais que desejamos sejam estas desprezíveis Efemérides, que vimos dando diariamente como quem desejasse desfiar, com devotamento, um longo rosário de contas de ouro, constituídas pelos nomes trazidos à tona da memória pública.

Conhecemos pessoalmente o velho mestre Brício Cardoso e tivemos ensejo de admirar-lhe a bondade de coração e a finura de espírito. Erudito e portador de grande inteligência, não fazia praça destes seus dotes nem sonegava os frutos do seu saber e do seu famoso talento aos moços que ensaiavam vôos nos horizontes da vida cultural.

Era um gosto vê-lo a transmitir aos novos pioneiros da jornada das letras a flama do entusiasmo.

Prado Sampaio, um das maiores cabeças pensantes de Sergipe, levado por um exagerado escrúpulo, algumas vezes recorreu à nossa prestimosidade para levar trabalhos seus à censura filológica de Brício Cardoso.

Está visto que nada se encontrava a emendar nos trabalhos de Prado Sampaio e Brício os lia com entusiasmos, fazendo-me portador de suas palavras de aplauso ao pensador ilustre que se não acanhava de pedir meças ao sábio filólogo conterrâneo.

Era o velho educador generoso no dar e fidalgo no distribuir. Na grandeza de sua generosidade seguia o exemplo dos nossos mangueirais que se pejam de formosos e deliciosos frutos: não sabia trazer usura de qualquer espécie, e, como os vigente mangueirais só pedia uma cousa, que não ferissem a mão benfazeja.

Descendente de um casal ilustre que deu a Sergipe diversos homens de talento, teve também a ventura de seguir as pegadas do seu talentoso pai, dando à terra natal uma plêiade de homens ilustres e de matronas dignas, entre as quais se conta uma das nossas maiores educadoras, D. Amélia Cardoso, espírito que recendia virtudes como as rosas desprendem perfumes. Modesta em excesso, morreu em relativa obscuridade, porque preferiu os sacrifícios das renúncias às lantejoulas da popularidade tantas vezes falaz.

Fica aqui o meu culto comovido à memória do velho mestre Brício Cardoso.

(Diário Oficial do Estado de Sergipe, 8 de julho, 1944)

FATALIDADE

Uma avalanche de infortúnio desabou sobre o nosso Instituto Histórico neste evoluir do segundo mês do ano.

No dia 8 findou-se na capital federal, o sócio benemérito Dr. Antônio Batista Ramos Bittencourt, aos 89 anos de idade; a 13 seguiu o mesmo sombrio trajeto o Dr. Francisco Antônio de Oliveira, outro sócio benemérito cuja bolsa estava sempre aberta para acudir, esponta-

neamente, ao Instituto em suas necessidades, e, por último, desaparece, no mesmo doloroso vórtice, o desembargador Enock Santiago, presidente do Instituto.

A morte, sabemos demais, é um fenômeno natural. Ninguém lhe escapa ao bote certo e inexorável. Mais cedo ou mais tarde havemos de cair vítimas de sua cilada. Todavia ninguém se conforma com esta merencória realidade.

Ouvimos a palavra dos filósofos, as lições dos sábios que procuram explicar, à luz das ciências exatas, os fenômenos da vida, doutrinando que a morte marca apenas um passo no caminho da evolução do criado em busca do criador. Sempre que o tufão da morte sibila em torno de nós, levando-nos pessoas queridas, fulminando vidas preciosas, nos esquecemos das advertências de Santo Agostinho, quando dizia:

“Tantas preocupações com a morte, só para ter mais tempo de a temer!

Os enfermos escapam à morte, mas para morrerem mais tarde. Não querendo morrer para não sofrer, e preferindo sofrer por não morrer.”

Admiramos, quando na ausência do espetáculo da morte, o estoicismo de Sócrates, quando tendo à mão o trago da cicuta que havia de fulminá-lo, invitava os seus discípulos a não chorarem sua morte, dizendo-lhes que o que ia morrer, sob a ação fatal da cicuta, era o corpo finito, a matéria putrescível e não o espírito inacessível ao fenômeno da morte.

A despeito da palavra consoladora de Apolônio de Tayana, segundo a qual o ser humano diviniza-se ao morrer, mudando de forma, mas não de natureza e de essência, não nos rendemos à forte dialética do mestre e não nos conformamos com a fria realidade dessa força imensa e misteriosa que imobilizou as destas munificentes de Antônio Batista Ramos Bittencourt e Francisco Antônio de Oliveira, sempre abertas para derramar o nardo da generosidade onde quer ele estivesse faltando, - na casa pobre, onde o pão está sempre ausente, ou nos preendimentos voltados para o bem geral, para os triunfos das

ciências e das letras. Não resistiremos nunca aos impulsos do coração que nos levam a desobedecer ao filósofo Apolônio de Tayana, quando doutrina:

“É mau chorar a morte; é preciso reverenciá-la e abandonar a Deus o ente que chegou a este termo.”

Para tanto seria preciso que tivéssemos a força espiritual de um destes doutrinadores, à semelhança de Sócrates, Pitágoras, Epicuro, Leonardo da Vinci e do próprio Apolônio de Tayana.

Como nos conformar com o brusco golpe que sofremos, vendo desaparecer no vórtice da morte aquele que víramos, minutos antes, cheio de vida, confiante em si, transbordante de otimismo cuidando com entusiasmo das coisas ligadas à vida brilhante do nosso Instituto Histórico, o desembargador Enock Santiago?!...

Não é possível, a falta do seu impulso na mola do progresso do sodalício a que vinha servindo com dedicação e eficiência não pode deixar de ser sentido. Não para a terra fecunda que está a oferecer o seu regaço ao bem-estar humano o arado que perdeu o braço que o impelia. Assim o Instituto Histórico a quem a morte inexorável rouba por um golpe surpreendente e fulminante, o timoneiro sereno e imperturbável.

O Dr. Antonio Batista Ramos Bittencourt, de quem falaremos mais tarde em artigo destacado, nasceu nesta capital a 22 de abril de 1868 e o Dr. Francisco Antonio de Oliveira em Maruim, a 9 de junho de 1890.

Aracaju - Gazeta Socialista, 23 fev. 1957.

